

Liliana Meireles de Sousa

A LUZ QUE SOBROU



Aos meus filhos, por me devolverem a luz todos os dias.

A nuvem veio e o sol parou.

FERNANDO PESSOA

Prólogo

A rua estava deserta. A chuva caía num murmúrio constante, como se o céu quisesse abafar o som das suas dúvidas. O vento cortava e cada rajada empurrava Clara para a frente. Parecia que a própria noite sabia que ela não podia parar.

Corria de meias. O pijama colava-se-lhe à pele, encharcado. O bebé, enrolado num cobertor, choramingava baixinho contra o peito dela, e cada soluço era um lembrete de que não havia mesmo volta a dar.

Atrás dela, uma porta bateu com violência.

— Clara! Volta aqui — ecoou a voz, dilacerante.

Mas ela não voltou. Nem olhou.

Se olhasse, parava. E se parasse, morria.

O despertador tocou três vezes, antes de Clara perceber que o som não fazia parte do sonho. Esticou o braço, derrubou o copo de água, assustou o gato e ficou a olhar para o teto. O teto, aliás, tinha a mesma mancha de humidade há meses, e Clara imaginava que talvez se parecesse com a Islândia. Um país frio, cheio de café forte e gente pontual. Coisas que ela invejava às sete da manhã.

— *Tobias*, hoje vamos ser pessoas funcionais. Está a apetecer-me arrasar! — anunciou.

Tobias, o gato, bocejou com o desprezo filosófico de quem conhece a verdade: ninguém «arrasa» antes das nove. Esticou-se e saltou da cama, porque a fome é um argumento muito mais forte do que filosofia.

Clara vivia num T1 cheio de plantas sobreviventes e canecas sem asa. As plantas, teimosas, cresciam meio tortas, mas firmes. Pareciam saber que, naquela casa, a regra era essa: viver torto, mas viver. Havia *post-its* nas portas, no espelho, no frigorífico e até em si mesma. Tinha Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção, ou, como ela dizia, «Propensão Habitual para Distrações e Atrapalhções». A sua cabeça parecia um rádio mal sintonizado, com muita música ao mesmo tempo e, ainda assim, algumas coisas bonitas a acontecerem.

O mundo de Clara era feito de cores sobrepostas, pensamentos que se atropelavam e uma empatia tão profunda que até doía.

— Chaves, chaves, chaves... — cantarolava desafinadamente, abrindo gavetas, sacos e até a caixa das saquetas de chá.

Dez minutos depois, encontrou-as no frigorífico, ao lado de um iogurte fora de prazo.

— Clássico! — sorriu, resignada.

Vestiu-se à pressa: umas calças de ganga com um pequeno rasgão no entrepernas, a camisola azul e amarela que parecia pedir desculpa por estar amarrotada e os ténis amarelo-sujos que já conheciam todas as esquinas do bairro. Penteou-se com os dedos e enfiou o caderno na mala (o caderno onde guardava desenhos de crianças, ideias soltas e frases que lhe surgiam a meio do dia).

O elevador parou no rés-do-chão com um suspiro antigo. Lá fora, o ar cheirava a manhã apressada: pão quente, escape de autocarro e chuva nas pedras da calçada. O céu ainda não tinha escolhido se queria ser cinzento ou azul, e Clara também não.

No Doce Madrugada, o café da esquina, já havia fila. O senhor Ernesto, rei daquele reino de torradas, estava atrás do balcão. O som das chávenas a tilintar misturava-se com o ranger da máquina de café, e o cheiro de manteiga quente parecia prometer que o dia ainda podia ser salvo.

— Bom dia, professora — saudou.

— Bom dia, senhor Ernesto! Hoje quero café cheio e coragem.

— Coragem tenho pouca, mas café há. — Encheu-lhe a chávena até ao limite. — E tome lá um pires a mais, só por precaução.

— Confie, hoje não parto nada.

Clara sentou-se junto à janela, o seu lugar habitual. Gostava de observar as pessoas e inventar-lhes histórias: a senhora do casaco vermelho era uma violinista reformada; o rapaz da mochila azul, astronauta em *part-time* e o senhor do jornal, poeta clandestino. O vidro embaciado fazia de ecrã de cinema, e ela, de realizadora de pequenas vidas alheias.

Abriu o caderno. Andava a escrever um livro sobre crianças que não param quietas. É curioso, mas a maioria das pessoas acha que isso não é normal. *É estranho*, pensou, e rabiscou a palavra «estranho» três vezes.

A colher escorregou-lhe da mão, claro que sim. Mas o pires resistiu com heroísmo.

— É uma coreografia nova, Ernesto. Chama-se «samba da colher».

O sino da porta tilintou e alguém entrou com um pedaço de ar frio e perfume discreto. Clara não levantou os olhos, estava ocupada a convencer o seu café a não se entornar no seu colo. Ouviu uma voz, uma daquelas vozes quentes, redondas, radiofónicas, a perguntar qualquer coisa no balcão. Riu-se do próprio pensamento: «voz de chocolate quente». Sim, estava oficialmente a delirar com bebidas.

— Desculpa... posso? Está tudo cheio.

Clara ergueu os olhos. O homem tinha um sorriso aberto e um casaco impecável. O olhar dele era atento, mas não invasivo. Trazia o jornal debaixo do braço, como quem veio preparado para não precisar de ninguém e, ainda assim, ali estava ele a pedir lugar.

— Podes, claro — empurrou o caderno, derrubou outra vez a colher e apanhou-a com reflexos de ninja.

Ele riu perante a rapidez.

— Bons reflexos. Eu sou o Diogo.

— Clara. — Apertou-lhe a mão, hesitando um segundo. — Clara Luz. A minha mãe achou que seria poético, mas só me condenou a uma vida de piadas sobre eletricidade.

— Condenada a iluminar sítios — corrigiu ele. — O que fazes, Clara?

— Ensino piratas de 3 a 5 anos a partilhar tesouros e ranho. Ou Educadora de Infância, se preferires. — Bebeu um gole. — E tu?

— Trabalho em Comunicação. Rádio, eventos, locuções. Esse tipo de coisas.

— Ah! Isso explica o chocolate quente!

— O quê?

— Nada. Coisas da minha cabeça. — Um calor súbito subiu-lhe pelas bochechas e ela desviou o olhar para a chávena, soltando uma risada curta para tentar sacudir o embaraço.

O senhor Ernesto pousou na mesa o galão de Diogo e uma torrada e lançou um olhar a Clara que dizia «Tem cuidado, menina».

Ela ignorou. Sempre achou que a vida devia conceder, pelo menos, cinco ilusões por semana. Uma por cada dia útil.

Falaram um pouco de tudo e de nada. Primeiro, sobre o tempo, claro! O refúgio universal de quem ainda não sabe como começar. Ela disse que adorava dias cinzentos, que o cheiro da chuva lhe trazia ideias novas. Ele respondeu que preferia sol, «porque as pessoas ficam mais fáceis de decifrar à luz do dia».

Depois, vieram os livros. Ela falava deles como quem fala de amigos, alguns antigos, outros recentes, todos com histórias próprias. Contou que lia de tudo: romances, fantasia, crónicas, biografias, até bulas de medicamentos quando não havia mais nada à mão.

— A sério? — perguntou ele, a rir. — Bulas?

— Claro. São tragédias gregas: sofrimento, risco e salvação num só folheto.

Ele abanou a cabeça, divertido.

— Parece que eu devia ler mais.

— Devias — concordou ela, com aquele meio-sorriso que deixava espaço para o riso do outro.

Ele pousou a chávena já fria na mesa e confessou, meio envergonhado:

— Leio menos do que devia, mas tenho um plano.

— Um plano de leitura?

— Um plano de sobrevivência.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— E em que consiste?

— Esperar que me apaixone por alguém que leia por mim e me faça os resumos.

Clara olhou-o por cima da borda da chávena, com o vapor a desfazer-se entre os dois. Riu-se, mas o coração deu um pequeno salto.

A conversa acabou por se infiltrar nas pequenas manias, o território íntimo onde as pessoas se revelam sem perceber. Clara contou, envergonhada, que guardava os bilhetes de autocarro dos dias em que se sentia feliz. Ele admitiu que alinhava os livros por altura, pois «acalma o cérebro e dá a ilusão de que a vida tem ordem».

— Então somos o caos e a ordem à conversa.

— Ou talvez só dois desarrumados a tentar fazer sentido.

— Acho que o teu cérebro precisa de um tapete felpudo — disse ela.

— E o teu precisa de bons travões.

— Tenho uns, mas fazem barulho.

Riram os dois. Havia uma leveza antiga a acontecer ali, como se tivessem ensaiado aquela conversa noutra vida e, agora, fosse só recordar as deixas.

— Posso fazer-te uma pergunta estranha? — questionou Diogo, passado um bocado. Os olhos dele desceram para o braço dela, divertidos. — Porque é que tens «cartão» escrito no pulso?

— Ah, isto? — começou ela, soltando uma risada curta para afugentar o embaraço, enquanto descolava o papel com a ponta dos dedos. — Ontem fui às compras e deixei o multibanco em casa. Foi uma cena dramática. — Ergueu o pulso com solenidade. — Então hoje vim prevenida. Responsável. Adulta e tal.

— Vou acreditar.

— Não acredites muito. Hoje de manhã encontrei as chaves no frigorífico.

— Isso é uma metáfora à procura de um poema — respondeu ele, com uma meia seriedade inesperada.

Clara conteve um sorriso. O café enchia, o barulho aumentava e diminuía e, por um breve momento, o mundo lá fora ficou suspenso. Ela esqueceu a conta da luz, as reuniões de pais, a ficha técnica do teatro de fantoches. Ele esqueceu a pressa e ignorava o telemóvel que vibrava uma vez e outra sem ser atendido.

— Gosto de falar contigo — disse Diogo, simples e direto.

— Eu também — respondeu, surpreendida por dizer a verdade sem filtros. — Normalmente, digo disparates quando fico nervosa e depois fico ainda mais nervosa, e é um ciclo e tal. Mas aqui... — fez um gesto com a mão, a tentar agarrar o ar — é fácil.

Ficaram em silêncio a olhar um para o outro, até que Clara decidiu quebrá-lo:

— Tens de provar o pão de Deus do Ernesto. É património nacional, ou pelo menos devia ser.

— Se a especialista recomenda... aceito o desafio.

O senhor Ernesto apareceu à mesa como um feiticeiro convocado. Pousou duas metades de pão de Deus e, baixinho, conspirou para Clara:

— Calmo, este. Mas tem olhos de quem pensa demasiado.

— Eu ou o pão? — perguntou Diogo.

— Os dois. — O senhor Ernesto saiu, deixando migalhas e diagnóstico.

Clara passou o dedo pelo coco ralado, sem cerimónias, e Diogo imitou-a. Partilharam o mesmo pires, a mesma pressa de quem não quer que a hora avance. Foi quase íntimo, mas não assustador.

— Amanhã volto — disse ele, a embrulhar a conversa com um laço imprevisto.

— Para o pão de Deus? — perguntou ela, ainda com o riso nos olhos.

— Para o pão de Deus e... — fez um gesto vago com a mão, sentindo o olhar a tropeçar no dela — ... e para te ver. Vais cá estar?

Clara sentiu o coração prender-se por um instante, entre o inesperado e o inevitável.

— Claro. Eu venho cá todos os dias — respondeu ela.

Tentou que a frase soasse ligeira, quase casual, mas a voz traiu-a, descendo um tom e deixando escapar uma nota de verdade que ela própria não planeara revelar.

Diogo sorriu. Foi um esgar de lábios quase desajeitado, que pairou entre os dois como um pedido e uma promessa ao mesmo tempo. Trocaram números de telefone e cada um seguiu o seu caminho, em direções opostas, mas com a sensação de que algo, algures, tinha começado a andar na mesma direção.

Quando se levantou, Clara percebeu que estava com meias de cores diferentes à vista. Riu-se. Noutros dias, teria morrido de vergonha. Naquele momento, pareceu-lhe apenas um sinal. Afinal, a vida já era demasiado curta e séria para nos preocuparmos em usar meias iguais.

Saiu do café a sentir a cidade um bocadinho mais brilhante. O autocarro já roncava junto à paragem, prestes a arrancar. Correu, subiu o degrau num fôlego e deixou-se cair num banco livre, sentindo o peito embalado por uma vibração ligeira. Abriu o caderno de apontamentos e, no canto superior da página, cravou a ponta da caneta na folha: «Voz de chocolate quente.» Logo abaixo, com dois traços rápidos, desenhou a curva de um sorriso.

Mal entrou no colégio, o burburinho do corredor desfez-se no turbilhão habitual da sua sala: uma avalanche de abraços pegajosos e casacos que precisavam de ser despidos.

— Clara, hoje podemos fazer monstros de plasticina? — disparou uma das crianças, puxando-lhe a camisola.

— Hoje vamos fazer monstros, dragões, gelados, carros voadores e um sofá para a Ana, que ontem me disse que estava cansada. — Apontou para a colega, que revirou os olhos, a rir.

— Sofá não, cama — corrigiu a Ana, do outro lado da sala, enquanto arrumava as batas.

— Cama só no fim do dia. Antes ainda temos cola, tinta e macacos no nariz.

A sala cheirava a plasticina, lápis mordidos e sonhos recém-colados. Os desenhos pendurados nas paredes tremiam com a brisa vinda da janela — piratas, planetas, gatos com asas e uma girafa cor-de-rosa que, segundo o Rodrigo, era «uma vaca elegante».

Clara passou por entre as mesas minúsculas como quem atravessa um campo cheio de ideias.

— Clara, o Martim comeu uma bolinha de papel! — denunciou uma voz estridente ao fundo.

— Martim, o material escolar não faz parte do lanche. Há coisas muito mais nutritivas.

Uma onda de gargalhadas ecoou pela sala. E ela sentiu um leve alívio — mais um dia salvo da tragédia.

Enquanto distribuía folhas e ajudava a colar umas asas num dragão fluorescente, notou que estava a cantarolar sem perceber. O corpo lembrava-se de coisas em que a cabeça ainda não queria pensar: a forma como ele a escutou, a pausa antes de uma piada, o olhar que não precisava de brilhar para ser atento. Tocou com os dedos no pulso. A palavra «cartão», escrita a caneta naquela manhã, estava agora meio esbatida. Pensou que talvez a vida fosse mesmo isso: tentar ser organizada num mundo cheio de manchas de guache.

— Clara, posso fazer um arco-íris em cima do dinossauro?

— Claro. Aqui tudo é possível.

Riram-se. E naquele instante, entre o barulho das tesouras de pontas redondas, o cheiro do lanche e as vozes estridentes a inventar novos mundos, Clara sentiu um calor por dentro. Não era o café, nem a lembrança do sorriso dele. Era o simples milagre de estar onde devia.

Ao almoço, mandou uma mensagem à melhor amiga, Marta.

Consegui beber café sem desastres graves. E conheci um homem com voz de... enfim. Longa história. Estou bem. E tu?

Voz de quê? Se disseses *cappuccino*, desfaço a amizade.

De chocolate quente. E não me julgues, por favor.

És tão pirosa... mas quero saber tudo!

Sorriu. A tarde correu com a disciplina possível, as interrupções previsíveis e um episódio com purpurinas que o tapete não esqueceria. À saída, a cidade tinha aquele cansaço dourado de fim de dia. No Doce Madrugada, a campainha tocou outra vez quando Clara passou. Não entrou. Bastou-lhe saber que existia um lugar onde tudo começara a parecer possível.

Em casa, o *Tobias* esperava no parapeito, com focinho de quem exigia um relatório.

— Foi um bom dia, inspetor. Não derramei o café todo. — Pousou a mala, tirou o caderno, folheou a página do «voz de chocolate quente». — E sim, já sei. Calma. Pé no travão. Eu conheço-me.

O telemóvel vibrou. Mensagem de texto de um número desconhecido.

Foi bom conhecer-te. Amanhã, pão de Deus às 8h32? D.

Clara ficou a olhar para o ecrã com aquele susto bom que faz cócegas no estômago. Escreveu, apagou, escreveu outra vez.

Às 8h34. Tenho uma reputação a manter.

Poucos segundos depois, a resposta:

Fechado. Trago guardanapos extra.

Clara encostou-se ao sofá, deixando o riso sair devagar. Havia ali uma promessa de leveza, uma coisa qualquer que não cabia num *post-it*. Por precaução, escreveu num, mesmo assim: «8h34 — pão de Deus... com chocolate».

Antes de adormecer, pensou no pequeno absurdo feliz de um dia que começa com chaves no frigorífico e acaba com alguém a prometer guardanapos.

Não era amor. Não era sequer um começo oficial. Era só um gesto. E um gesto normalmente é o suficiente para acender a luz.

Do lado de fora, a cidade respirava. Do lado de dentro, *Tobias* instalava-se em cima do caderno, a fazer de pisa-papéis. Clara fechou os olhos.

— Amanhã — disse em voz baixa, sorrindo. — Amanhã parece-me um bom dia.

O dia seguinte amanheceu com cheiro a pão quente e possibilidades. O sol entrava pela fresta das cortinas, com um lembrete gentil de que o mundo continuava a girar. Clara vestiu-se duas vezes. A primeira, como um furacão. A segunda, como uma tentativa de pessoa funcional. Ajeitou o cabelo, olhou-se ao espelho e fez uma pergunta arriscada:

— Isto está aceitável ou é só menos trágico do que ontem?

Tobias limitou-se a bocejar a partir do cimo da cómoda. Interpretação: «Não te iludas.»

Mas ela sentia-se diferente. Havia uma energia nova, como se o mundo tivesse dado meio clique para o lado certo. Até o reflexo dela parecia um pouco mais nítido — ou talvez fosse só a esperança a focar aquela imagem.

No caminho para o café, o ar tinha um frio leve, animado, e todas as pessoas pareciam caminhar ao som de música interior. Clara passou por uma florista e parou só para cheirar as flores — o cheiro de terra e água misturado ao perfume da manhã fê-la sorrir. «Não é amor», pensou, «mas pode ser um começo simpático de terça-feira».

Chegou ao Doce Madrugada às 8h33, um minuto antes da hora prometida, o suficiente para manter a dignidade. O sino da porta soou, e lá estava ele. Diogo. Casaco impecável, sorriso de quem traz um plano de contingência e... um pacote de guardanapos.

— 8h34, disseste tu. Eu quis chegar mais cedo para mostrar que levo a pontualidade a sério.

— A pontualidade é suspeita — respondeu ela, pousando a mala. — As pessoas pontuais escondem sempre alguma coisa.

— Sim. Café — ergueu duas chávenas. — Um com açúcar, outro sem. Fiz uma aposta comigo próprio sobre qual preferes.

— Gosto de açúcar, claro — admitiu. — Mas quem é que consegue começar a manhã sem açúcar?

A conversa fluíu como se fosse o segundo ato de uma peça que ambos já conheciam. As pausas não eram constrangidas, pareciam compassos de música. Clara ainda não o classificava como interesse amoroso. Talvez apenas uma distração carismática. Mas havia uma leve inquietação, uma pontada de curiosidade que o cérebro insistia em traduzir por «atenção».

O Doce Madrugada fervilhava. O senhor Ernesto a limpar o balcão como um maestro, o rádio a tocar GNR baixinho, uma criança a chorar porque o *croissant* não tinha o formato certo. E, no meio disso, o som calmo da voz dele, quase grave de mais para aquela hora.

— Disseste ontem que trabalhas com voz. Rádio, não é?

— Sim, entre outras coisas. Faço consultoria de comunicação. Ensino pessoas a falar melhor em público... ou, pelo menos, a parecer que sabem o que estão a dizer.

— Então é por isso que falas assim.

— Assim como?

— Como se as palavras tivessem um botão de volume próprio. Ele riu, e a risada era um som raro, quase contido, mas sincero.

— E tu? Sempre foste professora?

— Educadora, na verdade. Os miúdos ainda são demasiado selvagens para me levarem a sério como professora.

— Gosto disso. Selvagens.

— Gosto de os ver crescer antes de o mundo lhes ensinar a ter medo.

Diogo ficou a olhar para ela com uma expressão indecifrável, entre admiração e análise.

— Isso é bonito, sabes? Quase ninguém fala assim.

— É o que dá passar os dias com crianças. Ficas com o cérebro em modo arco-íris.

— Acho que precisava mesmo de alguém que me ensinasse a ser assim.

A frase ficou suspensa no ar e Clara desviou o olhar, fingindo interesse nas torradas alheias.

Por um instante, o café pareceu pequeno de mais, o som dos pratos, mais distante, o vapor do café, erguer-se como fumo de cena. Depois, Diogo piscou-lhe o olho, devolvendo leveza à cena.

— Bom, vou deixar-te ir salvar o mundo em miniatura.

— E tu, domina o universo corporativo com voz de anúncio de Natal.

Ele levantou-se, pagou os dois cafés sem discussão — um gesto natural, mas cheio de hábito — e inclinou-se ligeiramente:

— Amanhã, à mesma hora?

Clara hesitou um segundo, só o suficiente para parecer racional.

— Amanhã. Sim.

Quando ele saiu, o senhor Ernesto aproximou-se, de pano de mesa na mão e olhar de velho confidente.

— Este tem qualquer coisa.

— Todos têm «qualquer coisa», Ernesto. É isso que os torna encantadores, não é? — sorriu e ficou com o sorriso durante o resto do dia.

A rotina começou a moldar-se àquela nova constância: Diogo às 8h34, café, conversa, pequenas confissões. O tempo tinha finalmente aprendido a caminhar no tempo certo. Ele falava sobre o trabalho, sobre viagens e sobre o cão de infância que fugiu no dia em que o pai partiu para o estrangeiro. Nenhum dos dois voltou. Ela falava dos miúdos da escola, das piadas de Ana e Marta, as suas melhores amigas, e da mania de perder chaves.

Cada dia trazia um fio novo, entrelaçado no outro, um tecido delicado feito de risos, pequenas pausas e uma familiaridade crescente. O senhor Ernesto já lhes servia o café sem perguntar. O sino da porta parecia tocar para anunciar um episódio novo da mesma história.

Alguns dias depois, Diogo surgiu à porta do colégio, encostado ao carro. O casaco cinzento contrastava com o muro colorido onde as pinturas das crianças secavam ao vento. Alheia ao exterior, Clara encontrava-se de joelhos no chão da sala, a meio de uma complexa negociação diplomática com Martim. O miúdo, de braços cruzados e lábio estendido, recusava-se terminantemente a comer a sopa porque, segundo o próprio, «o feijão estava a olhar para ele». Quando levantou a cabeça e o viu através da janela, o mundo pareceu parar. Ele sorria — não o sorriso de café da manhã, descontraído e casual, mas um sorriso diferente. Um sorriso de quem já conhece o caminho. De quem já pertence um bocadinho.

Clara sentiu o coração dar um salto trapalhão, daqueles que fazem as pessoas esquecerem-se de respirar por dois segundos. Fingiu não o ter visto e voltou-se para Martim.

— Pronto, não precisas de comer o feijão assustador — negociou ela. — Mas provas três colheres de sopa, combinado? Pelo menos o líquido não olha para ninguém.

O Martim considerou a proposta com a seriedade de um juiz e, finalmente, aceitou. Vitória diplomática.

Quando a sala finalmente esvaziou — numa debandada de pais exaustos e mochilas que pareciam maiores que os próprios miúdos —, Clara arrumou os cadernos, tentou domar o cabelo escuro com um gesto rápido (sem grande sucesso) e avançou para o pátio. Diogo continuava encostado ao carro, com as mãos nos bolsos, sem pressa nenhuma. Parecia ter todo o tempo do mundo para esperar por ela.

— Olá — disse ele, e a voz soou mais grave que o habitual, com a precisão de quem tinha repetido a palavra várias vezes antes de chegar.

— Olá. — Clara parou a meio metro de distância, sem saber bem o que fazer com as mãos. Enfiou-as nos bolsos do casaco. — Não me tinhas dito que vinhas.

— Eu sei. — Ele sorriu, meio envergonhado, meio seguro. — Foi impulsivo. E eu não costumo ser impulsivo.

— E o que te deu agora?

— Tu.

A palavra ficou suspensa entre eles, simples e elaborada ao mesmo tempo. Clara sentiu o rosto aquecer.

— Isso é uma resposta muito boa — murmurou, desviando o olhar para os desenhos no muro, como se de repente se tivessem tornado fascinantes.

Ele estendeu-lhe um saco de papel.

— Trouxe-te um pão de Deus.

Clara riu-se, finalmente olhando para ele.

— Aparentemente, o universo decidiu que o pão de Deus é o nosso elo espiritual.

— Bem, há piores elos. — Ele aproximou-se um passo. — Achei que tinhas ar de quem precisava de açúcar.

Clara pegou no saco, abriu-o devagar, e o cheiro doce a coco e açúcar invadiu-lhe os sentidos. Mordeu uma ponta, saboreando, e percebeu que ele a observava. Não de forma invasiva, mas de forma *atenta*. Como se cada pequeno gesto dela fosse uma coisa digna de ser guardada.

— Cuidado — avisou ela, dando um passo discreto para trás e fingindo sacudir uma migalha da camisola. — Eu habituo-me depressa às coisas boas.

— Parece-me bem. — Diogo deu um passo na direção dela, anulando a distância que ela tentara criar. Agora estava perto o suficiente para ela ver o contorno das pestanas dele e a pequena cicatriz na sobrancelha esquerda. — Gosto disso.

Clara segurou o saco de papel com um pouco mais de força.

— Gostas do quê, exatamente?

— Dessa honestidade. — A voz dele baixou, ficou mais suave.

— Fazes-me rir. E fazes-me... pensar. Sobre coisas em que já não pensava há anos.

Clara engoliu em seco. O ar entre eles mudou, como se o tempo tivesse abrandado de repente. O eco dos carros na rua e o som distante das crianças pareceram dissolver-se, deixando apenas o silêncio que os separava. Ela sentiu um formigueiro suave na pele, o tipo de sensação que o corpo guarda para quando o coração ainda não sabe o que fazer.

— Diogo...

— Queria jantar contigo — disse ele, interrompendo-a com meiguice. — Na sexta. Em minha casa. Só nós dois. Sem cafés cheios, sem pressa. Só... nós.

Clara hesitou. Não porque não quisesse. Mas porque queria de mais.

— Está bem — respondeu, finalmente. — Mas se a comida for má, vou-me logo embora.

— Negócio fechado.

Clara é educadora de infância e vive rodeada de caos, listas inacabadas e pensamentos que correm mais depressa do que o tempo. O seu mundo é feito de cores, gargalhadas e uma vontade inabalável de encontrar beleza nas pequenas coisas.

Diogo aparece quando ela menos espera. Carismático, atento, irresistível. Faz com que se sinta vista, compreendida e amada como nunca antes.

Mas, pouco a pouco, o encanto transforma-se numa prisão invisível. As palavras carinhosas dão lugar às críticas, a admiração converte-se em controlo e cada discussão termina da mesma forma: a culpa é dela. Ela é que exagera. Ela é que provoca. Ela é que está maluca.

Entre o *love bombing*, o *gaslighting* e o abuso físico e psicológico, esta é uma história sobre violência doméstica e a destruição da identidade de quem a sofre.

Um romance arrebatador sobre manipulação, sobrevivência e a difícil reconquista da própria voz.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

   penguinlivros

ISBN: 978-989-596-321-8



9 789895 963218

